

Como interpretar documentos escritos?



Identificar autor, obra, data e contexto de produção

Dentro do lar, claro está, a mulher não é uma escrava. Deve ser acarinhada, amada e respeitada, porque a sua função de mãe, de educadora dos seus filhos, não é inferior à do homem. Nos países [...] onde a mulher casada concorre com o trabalho do homem – nas fábricas, nas oficinas, nos escritórios, nas profissões liberais – a instituição da família, pela qual nos batemos como pedra fundamental de uma sociedade bem organizada, ameaça ruína.

Deixemos, portanto, o homem a lutar com a vida no exterior, na rua. E a mulher a defendê-la, a trazê-la nos seus braços, no interior da casa.

Entrevista de António Ferro a Salazar, Diário de Notícias, 23 de dezembro de 1932.

- **Documento:** Fonte histórica - entrevista de António Ferro a Salazar publicada no Diário de Notícias
- **Entrevistado:** Salazar
- **Data:** 23 de dezembro de 1932
- **Contexto de produção:** Em 1932, Salazar tornou-se Presidente do Conselho de Ministros

Identificar autor, obra, data e contexto de produção

Com estas informações conseguimos identificar a natureza do documento (perceber se é uma fonte histórica ou historiográfica).

Fontes históricas

Vestígios, escritos, materiais ou orais, deixados pelos Homens ao longo do tempo que o Historiador analisa e interpreta para reconstituir o passado.

Historiografia

Estudos produzidos pelos Historiadores mediante a análise e interpretação de diferentes fontes históricas.

Identificar a natureza do documento
(perceber se é uma fonte histórica
ou um documento historiográfico)

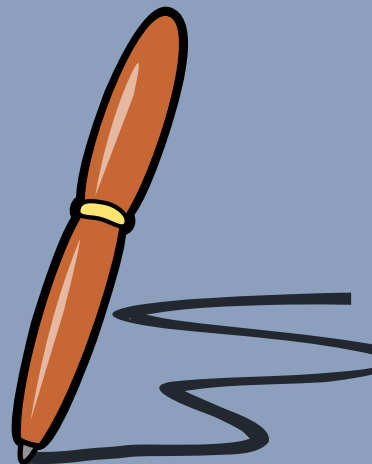


Fonte histórica: Jornal *A Capital*, 11 de Novembro de 1918

(...) Muitas dezenas de detidos por razões políticas e sociais nos anos 30 ficaram presos durante vários anos nas cadeias da PVDE (designadamente no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde) sem sequer terem sido julgados.

Fernando Rosas, As grandes linhas da evolução institucional, in Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir. de), “Nova História de Portugal”, vol. XII, Lisboa, Ed. Presença, 1992. (adaptado)

Documento historiográfico



Exemplo

Exame História A, 1ª fase, 2023

A IMPLANTAÇÃO DO LIBERALISMO EM PORTUGAL

Documento 1

A revolução liberal portuguesa, segundo Inocêncio António de Miranda¹ (1822)

Hoje, [...] se quereis ser estimado, deveis pôr todo o cuidado em adquirir as virtudes que devem ornar todo o cidadão lusitano. [...] De outra sorte, só porque sois nobre, não espereis que vos estimem: esse tempo acabou! Os homens já se não iludem com aparências: já todos sabem ler, já todos leem gazetas² e examinam muito escrupulosamente a conduta dos Grandes [...]. [...] [T]odos os portugueses se podem chamar cidadãos, porque todos são iguais diante da lei e todos obrigados a contribuir para o bem da pátria [...], na livre fruição dos seus direitos. [...]

Todas as Nações são livres por direito natural, e só o direito da força pode privá-las desta liberdade. Só a elas pertence eleger o governo que bem lhes parecer, e depô-lo quando julgarem que não lhes convém. Este direito é inerente à soberania das Nações [...]. [...] É preciso ter um servilismo exaltado para não reconhecer a necessidade de fazer uma Constituição, a fim de obstar aos despotismos dos áulicos³ que com tanto escândalo tinham roubado a Nação e abusado da bondade do melhor dos monarcas! [...]

Não se pode fazer uma ideia verdadeira dos bens da Constituição sem trazer à memória a torrente de males em que Portugal se achava submergido e mostrar [...] que males tão grandes e tão funestos só podiam sanar-se por meio de um governo constitucional, regulado por uma Constituição [...].

[O] primeiro mal [...], motivado pela guerra, foi a saída da nossa Corte para o Brasil. [...] Entraram os franceses e apossaram-se do reino. [...] Os portugueses, sem armas, sem cavalos, sem munições, [...] sem ter um chefe que os conduzisse à vitória, unem-se fraternalmente: homens e mulheres propugnam pela salvação da pátria; [...] ateia-se uma guerra desoladora que durou seis anos; aumentam-se os tributos; impõem-se novas contribuições de todo o género: franceses, ingleses, [...] todos roubam à porfia. [...] Enquanto os portugueses em massa se empenhavam em uma guerra tão desoladora, [...] uma regência em Lisboa [...] sacrificava ao seu arbítrio vítimas sem conta [...], ench[ia] os cárceres e as masmorras de cidadãos beneméritos, com o título infame de jacobinos. [...]

Depois de vos ter mostrado Portugal correndo ao precipício, roubado e saqueado por amigos e inimigos [...], destruídas as fábricas, estragada a marinha, arruinado o comércio, [...] direi só por última conclusão os males de que padeciam os lavradores.

Exemplo

Exame História A, 1ª fase, 2023

1. Analisar o Título

A revolução liberal portuguesa, segundo Inocêncio António de Miranda (1822) – Mediante o título conseguimos perceber que o presente texto apresenta a perspetiva de Inocêncio António de Miranda sobre a Revolução Liberal Portuguesa

2. Identificar, autor, obra, data e contexto de produção

Autor: Inocêncio António de Miranda

Ler informação sobre o autor (Inocêncio António de Miranda - deputado eleito às Cortes de 1821, responsável pela elaboração da Constituição)

Título da obra: *O cidadão lusitano: breve compendio, em que se demonstrão os fructos da Constituição*

Data de produção: 1822

Contexto de produção: 1822, foi o ano da aprovação e entrada em vigor da 1ª Constituição após a Revolução Liberal. Relembra-se que a Revolução Liberal ocorreu em 1820 e depois iniciaram-se os trabalhos de elaboração da Constituição, que seria aprovada em 1822.

Exemplo

Exame História A , 1ª fase, 2023

Mediante a análise anterior conseguimos identificar a natureza do documento.

Neste caso, trata-se de uma **fonte histórica** uma vez que é uma obra produzida por um indivíduo que viveu nesse período e que transmite a sua perspectiva sobre um determinado acontecimento.

Chegada a esta parte já conseguimos identificar o tema do texto (Revolução Liberal) e conseguimos perceber que este texto apresenta a perspectiva de um deputado responsável pela elaboração da Constituição.

Agora, importa analisar o que este nos diz.

Ler e analisar o texto

- Identificar o tema abordado
- sublinhar as palavras/frases mais relevantes que nos permitem perceber a percepção do autor quanto ao assunto abordado
- Extrair as ideias mais importantes

Documento 1

A revolução liberal portuguesa, segundo Inocêncio António de Miranda¹ (1822)

Hoje, [...] se quereis ser estimado, deveis pôr todo o cuidado em adquirir as virtudes que devem ornar todo o cidadão lusitano. [...] De outra sorte, só porque sois nobre, não espereis que vos estimem: esse tempo acabou! Os homens já se não iludem com aparências: já todos sabem ler, já todos leem gazetas² e examinam muito escrupulosamente a conduta dos Grandes [...]. [...] [T]odos os portugueses se podem chamar cidadãos, porque todos são iguais diante da lei e todos obrigados a contribuir para o bem da pátria [...], na livre fruição dos seus direitos. [...]

Fim dos
privilégios
nobres
existentes na
Monarquia
Absoluta

Todas as Nações são livres por direito natural, e só o direito da força pode privá-las desta liberdade. Só a elas pertence eleger o governo que bem lhes parecer, e depô-lo quando julgarem que não lhes convém. Este direito é inerente à soberania das Nações [...]. [...] É preciso ter um servilismo exaltado para não reconhecer a necessidade de fazer uma Constituição, a fim de obstar aos despotismos dos áulicos³ que com tanto escândalo tinham roubado a Nação e abusado da bondade do melhor dos monarcas! [...]

A importância
da elaboração de
uma
Constituição,
que é a lei mais
importante de
um Estado, à
qual todos
devem obedecer

Não se pode fazer uma ideia verdadeira dos bens da Constituição sem trazer à memória a torrente de males em que Portugal se achava submergido e mostrar [...] que males tão grandes e tão funestos só podiam sanar-se por meio de um governo constitucional, regulado por uma Constituição [...].

[O] primeiro mal [...], motivado pela guerra, foi a saída da nossa Corte para o Brasil. [...] Entraram os franceses e apossaram-se do reino. [...] Os portugueses, sem armas, sem cavalos, sem munições, [...] sem ter um chefe que os conduzisse à vitória, unem-se fraternalmente: homens e mulheres propugnam pela salvação da pátria; [...] atea-se uma guerra desoladora que durou seis anos; aumentam-se os tributos; impõem-se novas contribuições de todo o género: franceses, ingleses, [...] todos roubam à porfia. [...] Enquanto os portugueses em massa se empenhavam em uma guerra tão desoladora, [...] uma regência em Lisboa [...] sacrificava ao seu arbítrio vítimas sem conta [...], ench[ia] os cárceres e as masmorras de cidadãos beneméritos, com o título infame de jacobinos. [...]

O autor enumera
os fatores que
contribuíram para
a Revolução

Ler e analisar o texto

Deste texto conseguimos retirar diversas informações, tais como:

- Diferenças entre o Antigo Regime e o Regime Liberal
- Ideia de cidadania no Regime Liberal
- Os princípios iluministas em que o Regime Liberal assenta (igualdade perante a lei, soberania popular);
- O contexto em que eclodiu a Revolução Liberal, em 1820

Caso prático

Estamos no convento piedosamente erigido em comemoração da batalha [de Aljubarrota], e assim chamado por esse motivo, rente à igreja onde gerações de crentes se revezam em oração, a dois passos da capela do fundador onde repousam D. João I, D. Filipa de Lencastre, os filhos (como se o carinho dos pais e a devoção filial mesmo na terra sobrevivessem à morte) – família heroica, “inclita geração”, toda sacrificada ao serviço da Pátria no estudo, nas guerras, nas descobertas e conquistas, na governação [...].

Não sei que tenhamos em Portugal ambiente de maior espiritualidade, onde a nossa alma mais penetrada se sinta de elevados sentimentos: Deus, a Pátria, a Família, o dever, o sacrifício, o desinteresse, a paz dos mortos têm aqui representações ou projeções sensíveis, tocantes, sem que ao mesmo tempo deixe de respirar-se o ar alvoroçado das vitórias.

Nós somos filhos e agentes duma civilização milenária que tem vindo a elevar e converter os povos a uma conceção superior da própria vida, a fazer homens pelo domínio do espírito sobre a matéria, pelo domínio da razão sobre os instintos. Eu não desejaria por isso que nesta romagem, para exaltação do sentimento da independência nacional, deixassem de ser considerados aqueles outros elementos humanos e sobre-humanos com os quais podem e devem coexistir as pátrias, e em cujo ambiente e defesa há de florescer o nosso nacionalismo. [...]

Viestes de todos os cantos do País e representais Portugal inteiro. Escutai. Paira sobre nós o espírito heroico de Nuno Álvares; parecem mesmo ouvir-se vozes de comando, o retinir das armas, estrondos de batalha: «ainda não», responderia calmo. Mas, quando preciso, à chamada que vos seja feita para lutardes sob a sua bandeira, não deixará um só de vós – sei-o bem – de responder: presente!

Salazar, discurso proferido no Mosteiro da Batalha, 14 de agosto de 1936

QUESTÃO

No seguimento da leitura e análise do Documento, apresenta uma evidência do carácter nacionalista do Estado Novo.

PASSOS DA INTERPRETAÇÃO

1. Identificar o autor, o ano e o espaço onde se proferiu o discurso
2. Identificar o contexto histórico
3. Perceber se é uma fonte histórica ou um documento historiográfico
4. Ler e analisar o texto

Caso prático

Para responder a esta questão:

No seguimento da leitura e análise do Documento, apresenta uma evidência do carácter nacionalista do Estado Novo.

deves procurar perceber...

De que forma está presente o Nacionalismo neste documento?

Para tal, deves ler o texto e sublinhar as frases que:

- evidenciam a valorização e exaltação dos feitos gloriosos do passado.
- demonstram a articulação entre o passado glorioso e o presente.
- demonstram a exaltação dos valores da Nação e a sua grandeza.

Caso prático

Após esta análise, já podes escrever por palavras tuas os aspetos presentes no documento que permitem demonstrar como o Estado Novo era nacionalista.

Ao desenvolveres as ideias, deves fundamentar com os excertos do documento que sublinhaste.